

*Nascentes***O GÊNERO “DEBATE NÃO MEDIADO” E A POLARIZAÇÃO POLÍTICA:
UMA ANÁLISE BAKHTINIANA***Tainá Almeida***Thiago da Silva Martins***

RESUMO: Este trabalho procura analisar as interações argumentativas de dois debatedores em debate gravado em vídeo e publicado no *YouTube*, pelo canal *Spotniks*, intitulado “Ele suspeita das vacinas da Covid-19. Ela é cientista do Butantan. Colocamos os dois pra conversar”, evidenciando o funcionamento do gênero discursivo “debate não mediado” (BAKHTIN, 2016) e suas implicações na dinâmica argumentativa em contexto polêmico, sob o prisma da Análise Dialógica de Discurso (BAKHTIN, 2015; VOESE, 2021; VOLOCHINOV, 2017) e da sociologia e ciência política contemporâneas (BAUMAN, 2003; DEMO, 2008). Justifica-se a relevância deste trabalho pela emergência das sucessivas crises do ambiente democrático brasileiro, contaminado tanto na dimensão da política institucional quanto na dimensão do debate público, principalmente pela intensificação dos processos de desinformação generalizada (*fake news*) e de polarização política, especialmente em ambientes virtuais (MACHADO; MISKOLCI, 2019). Na questão procedimental, optou-se pela transcrição e consequente análise de excerto do mencionado debate, em duas dimensões: na textualidade das enunciações discursivas, comentadas ponto a ponto, e na dimensão macroestrutural da interação discursiva, contextualizada aos contornos problemáticos que caracterizam o debate público nacional. A análise aponta a força que o gênero “debate não mediado” possui e a produtividade da interação argumentativa analisada, quando circunscrita pelos traços marcantes do gênero em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Debate; Democracia; Gênero do discurso; Polarização.

Em tempos de polarização política e virtualização das relações pessoais, nos parece fecundo pensar no gênero de debate oral não mediado de divulgação *online* (doravante “debate não mediado”), ambiente de autêntica argumentação polêmica¹ (AMOussy, 2018), especialmente aquele escolhido para figurar como objeto da presente investigação², como uma forma de evidenciar a influência do gênero discursivo, na acepção bakhtiniana, na

* Doutoranda em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (Ufba) Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb)

** Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc), com área de concentração em Análise de Políticas Públicas e Democracia.

¹ Aquela em que as falas dos participantes se dão em turnos, mas eles têm liberdade para fazer indagações ou falar simultaneamente, fazer interrupções e/ou reposicionamentos etc., debatendo sobre tema não consensual (AMOussy, 2018)

² Debate promovido pelo canal *Spotniks*, disponível em: https://youtu.be/L24UIaHb_8A (SPOTNIKS, 2021)

configuração geral de uma interação discursiva entre interlocutores nomeadamente opostos ideologicamente.

A tarefa não é banal, já que nos últimos anos temos visto, no Brasil e no mundo, um movimento crescente de formas ideológicas autoritárias de expressão política, à esquerda e à direita (especialmente à extrema direita), materializando-se em discursos e práticas sociais cada vez mais hermeticamente fechadas em si mesmas, muitas vezes violentas, grande parte delas desenvolvidas no ambiente das redes sociais e por ali disseminadas.

Trata-se, portanto, de uma investigação de fundo essencial: é possível, contrariando o espírito do tempo, proporcionar debates francos, claros, cordiais e produtivos em ambientes polarizados? Seria o gênero “debate não mediado”, de veiculação *online*, capaz de, pelas suas especificidades estruturais e pela forma como é entendido e praticado, afetar os interlocutores a ponto de proporcionar uma ambiência em que ideias e valores, ainda que opostos, possam ser apresentados e avaliados, *vis-à-vis*, verdadeiramente?

É preciso contextualizar esta discussão no cenário do debate público brasileiro, especialmente quando versando sobre temas sensíveis (historicamente, aqueles que tocam as liberdades religiosas e de costumes e, mais recentemente, a acentuada polarização entre os espectros políticos clássicos, direita e esquerda).

Pobreza política e polarização *online* no Brasil

A história recente do desenvolvimento brasileiro inequivocamente aponta para a investigação de possibilidades para lidar com os problemas mais significativos do gargalo social que aqui se estabelece: as pobreza material e política (DEMO, 2008), as quais se tornaram, sem dúvida, um obstáculo difícil de superar no caminho para a construção de uma “sociedade livre, justa e igualitária” (BRASIL, 2008, art. 3º), onde a cidadania de fato se estabeleça como um fundamento republicano das relações sociais e políticas.

Não há tradição nacional de diálogo e colaboração qualificada para o debate de temas de interesse público. Pelo contrário, há um passivo expressivo que nos posiciona entre as últimas nações no campo da densidade democrática: mesmo textualmente adotando o sufrágio universal desde a Constituição de 1934 (e ironicamente excluindo diversas categorias do processo), até a década de 60, aproximadamente metade da população era analfabeta (FERRARO, 2002) e tinha pouco acesso ao debate político; o voto feminino só se consolida como realidade legal no século XX e a investigação sociológica de referência aponta para uma sociedade marcada pelo personalismo passional das relações interpessoais; pelo patrimonialismo coronelista de orientação carismática, no trato da coisa pública; e pela falta de

organização e de competências disciplinadoras individuais e coletivas (HOLANDA, 1995). A maior parte dos esforços nesse sentido se expressam numa arquitetura de vigilância e punição, raramente sendo internalizados os valores que se quer guardar com determinadas práticas de organização.

À crise contemporânea das democracias representativas ocidentais (dentre as quais a brasileira certamente se inclui), somam-se crises humanas inéditas. A virtualização das relações pessoais (através da capilarização em curso do uso da internet e, especialmente, das redes sociais, que se tornam, a partir da primeira década do presente século, mediadoras privilegiadas das relações pessoais) inaugura fenômenos inéditos com importantes desdobramentos nas relações sociais e políticas, globalmente: segregação em “bolhas” virtuais e *fake news*, com agravamento das já percebidas alterações qualitativas na convivência humana, que já apontavam, desde o fim do século passado, para um individualismo exacerbado de natureza hedônica, consumista e cética quanto ao futuro (BAUMAN, 2003). Nas palavras de Machado e Miskolci (2019, p. 950):

Com a emergência das redes sociais, os usos políticos da Web 2.0 originariam grandes manifestações como os da chamada Primavera Árabe (2010), Occupy Wall Street (2011) e Indignados (2011) Tais mobilizações apoiavam-se na facilidade de compartilhar conteúdos, na popularidade de perfis pessoais e, sobretudo, no poder dos algoritmos em atrair a atenção, agregar apoio às causas, induzindo à ação política. [...] Foi só em 2013, com as chamadas Jornadas de Junho, que o uso político das redes sociais comerciais alcançou impacto em toda a sociedade. Desde então, linhas de força políticas indissociáveis de seu caráter tecnológico-comunicacional marcaram a inflexão para uma nova gramática de disputas, mais conflitiva e moralista. As redes sociais e demais plataformas comerciais online têm gerado não apenas os já estudados fenômenos das bolhas de opinião ou a disseminação de fake news, mas algo mais radical e preocupante enquanto elemento central da ação política: a privatização da política e sua inserção em uma gramática moral.

Do ponto de vista da sociologia política, muitas investigações passaram a enfatizar o papel da densidade democrática (ou grau de democratização das instituições sociais dentro de um determinado cenário político), como meio de verificar em que grau as soluções políticas adotadas em cada lugar guardavam pertinência com o interesse público. Para tanto, um instrumental interdisciplinar e uma visão metodologicamente “nova” está sendo desenvolvida, na interface entre as ciências humanas, sociais aplicadas e linguísticas, debruçando-se sobre objetos cada vez mais complexos, em franca emergência e/ou transformação, como deliberações legislativas, políticas públicas e movimentos sociais e militância *online* (BOBBIO, 1997).

O ponto de inflexão, no caso brasileiro, se dá quando, na história recente, há uma consolidação expressiva e evidente (manifesta, inclusive, na virada comunicacional que

ocorre no âmbito das redes sociais) de discursos fundamentalistas religiosos, reacionários, anticientíficos (terraplanistas, antivacinas, antidemocráticos); e também religiosamente intolerantes, ambientalmente radicais, corporativistas, totalitários, que surgem reivindicando espaço, validação e status político dentro da dinâmica dialética do jogo democrático.

Até certo ponto, é possível dizer que o ambiente do debate público foi contaminado pelo efeito do choque entre visões de mundo majoritariamente incompatíveis, com reações proporcionalmente agressivas de ambos os polos da equação. O resultado, democraticamente, é um comprometimento da qualidade do próprio ambiente de debate em si. Vê-se, portanto, na tensão entre os polos que se consolidam, uma tentativa de desqualificação permanente da contraparte como partícipe legítimo do debate político. Os adjetivos “fascista” e “comunista” passam a expressar, nesse sentido, coisas semelhantes: sujeitos que atentam contra a ordem democrática e as instituições regulares e que precisam ser eliminados da convivência política, em nome da preservação de valores internos, especialmente o Estado de Direitos e a ordem social (MACHADO; MISKOLCI, 2019). Bakhtin tinha preocupações nesse sentido:

Essa concepção bakhtiniana [de reflexão e refração do discurso] torna compreensível, por sua vez, o interesse e o desejo de posse de um saber sobre o discurso, especificamente sobre o que é, como funciona e quais os efeitos de poder que ele pode produzir como mediação social. Dominar um saber do discurso significa ter posse de um meio e da chave para, por exemplo, compreender o processo de proliferação social de enunciados e o que isso pode representar como ponta de um novelo por onde se poderia começar a desenrolar o que, às vezes, se esconde sob as aparências que o próprio discurso produz. Em outros termos, o fato de, em determinada época, proliferarem discursos sobre um mesmo tema sempre suscita perguntas e inquietações sobre o que isso poderia estar ou denunciando ou sinalizando em relação à processualidade do gênero humano. [...] Por isso, quando o discurso, enquanto reflexo social, passa a ser observado quanto ao que manifesta de pistas que podem levantar o véu de uma dada situação social, retoma-se e valoriza-se também a reflexão, em especial sobre as suas funções mediadoras dentro de uma realidade social centrada num individualismo que impõe o domínio do particular sobre o geral. Na verdade, o domínio do particular alimenta a ilusão de uma privacidade absoluta, o que, dialogicamente, dá lugar a um discurso que se esfacela na contradição de promover o social num mundo cada vez mais individualista. (VOESE, 2010, p. 272)

Os efeitos da polarização política que historicamente divide o país e se acentuou marcadamente nas três últimas eleições nacionais, catalisados pela ação intensa de milícias digitais, pela viralização de *fake news* e pela virtualização da violência (crimes contra honra cometidos pela internet, linchamentos digitais, cancelamentos etc.) atingiu o ambiente das conversas cotidianas, da convivência familiar e da vida privada das pessoas. Sentimos, portanto, uma contaminação abrangente do próprio ambiente do diálogo doméstico, com a percepção da capilarização da intolerância política. As redes sociais foram tomadas por múltiplos discursos marcados pela tentativa de desqualificação, silenciamento e apagamento dos opostos.

Pode-se dizer, portanto, que as instituições políticas e sociais brasileiras atravessam dias decisivos. Desde a emergência da crise global em 2009, o país enfrenta uma série de transformações, rupturas e readaptações do seu modelo de convivência que certamente definirão, num futuro próximo, quais valores orientarão o debate público e o exercício do poder político daqui para frente.

O gênero discursivo “debate não mediado” e a Análise Dialógica de Discurso

Volóchinov³, integrante do Círculo de Bakhtin, ao empreender esforços epistemológicos de alargamento e aprofundamento de uma concepção sociológica da linguagem, aponta as ideologias como superestruturas, veiculadas pela linguagem em seu amplo funcionamento. Assim, o enunciado, como “elo na cadeia de comunicação discursiva e um elemento indissociável das diversas esferas ideológicas” (VOLOSHINOV, 2018, p. 357), pleno de dialogicidade, assume um lugar privilegiado no estudo da linguagem, superando, em muitos sentidos, outras figuras, como a oração, que articulavam o estudo da linguagem desenvolvido até então. Sobre o tema, vemos que

[o] enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e em levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento. (BAKHTIN, 2016, p. 58)

A Análise Dialógica de Discurso, tradição que incorpora a visão do Círculo, propõe importantes inovações à ciência da linguagem, lançando um olhar interdisciplinar ao discurso que antecipava, por décadas, os métodos analíticos interdisciplinares e transdisciplinares atuais, ainda que não esteja claramente demarcada, na obra do Círculo, uma preocupação sistemática com um corpo metodológico e procedimental evidente.

O diálogo real, tomado por Bakhtin como uma forma excepcionalmente clara de comunicação discursiva, torna-se um referencial quando da escolha do gênero a ser adotado em uma situação comunicativa que proponha um ambiente de debate produtivo e democrático (BAKHTIN, 2016). Frequentemente, os debates mediados e estruturados em blocos de falas, perguntas impositivas e temporização (a exemplo dos debates entre os presidentiáveis

³ Adotamos, aqui, a postura que parece se consolidar nos trabalhos a respeito da teoria bakhtiniana, ao indicar a autoria das contribuições individuais (ainda que sabidamente construídas coletivamente pelos integrantes do Círculo) como apresentadas nos textos originais. Numa perspectiva geral, nos referiremos à tradição daí decorrente como a obra “do Círculo”.

transmitidos em cadeia nacional), afastando-se das condições de um diálogo real (em que é possível afirmar, replicar, interromper, falar simultaneamente etc.), são vistos como engessados ou artificiais. Assim, a escolha do gênero debate em condições aproximadas ao diálogo real se torna, imediatamente, uma preocupação que evidencia um claro posicionamento axiológico de quem opta por ele, em oposição a tantos outros.

Ainda que a dialogicidade não seja uma especificidade da interação verbal, como apontam os estudos do Círculo, é nela e nas formas típicas (nos gêneros) de interação comunicativa marcadas pela presença da réplica, em tempo real, pela alternância de falas, assimilações e reacentuações do discurso do outro etc. que melhor se visualiza o contraditório democrático, essencial à atividade política e central na dinâmica em que operam as ideologias e a própria vida (BAKHTIN, 2016). Nas palavras de Bakhtin (2016, p. 113):

A compreensão não repete nem dubla o falante, ela cria sua própria concepção, seu próprio conteúdo; cada falante e cada compreendedor permanece em seu próprio mundo, a palavra faculta apenas o direcionamento, o vértice do cone. Por outro lado, falante e compreendedor jamais permanecem cada um em seu próprio mundo; ao contrário, encontram-se num novo, num terceiro mundo, no mundo dos contratos; dirigem-se um ao outro, entram em ativas relações dialógicas. A compreensão é sempre prenhe de resposta. Na palavra do falante há sempre um apelo ao ouvinte, uma diretriz voltada para sua resposta. Isto se manifesta com maior clareza no discurso dialógico. A relação entre as réplicas do diálogo difere da relação entre duas orações de um contexto monológico ou entre dois enunciados centrados no mesmo tema e não relacionados dialogicamente.

Se “falamos apenas através de certos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2016, p. 39), a opção por um, em detrimento de tantos outros disponíveis no incontável repertório comunicacional humano, revela a arbitrariedade da escolha motivada por valores ou intenções. No caso, o “debate não mediado” herda forma e construção composicional que preserva a relativa espontaneidade dos diálogos reais, tendo os interlocutores liberdades comunicativas que podem colaborar para a melhor compreensão de sua vontade enunciativa e da demarcação de seu posicionamento axiológico perante dado tema.

As réplicas, aqui, desempenham uma função angular, quando proporcionam aos interlocutores a oportunidade de, ao defrontar-se com o conteúdo da enunciação discursiva de outrem, assimilando-os compreensivamente, exercer a função responsiva ativa, essencial à comunicação humana, em tempo real, plena da reacentuação operada pela valoração axiológica e volitivo-emocional do discurso alheio, numa abertura comunicativa de novas possibilidades dialógicas inéditas, até mesmo para o autor do primeiro gesto comunicativo do debate (ou autor da tese primária em questão, naquele momento). A conclusibilidade específica que caracteriza linguisticamente a réplica opera para encadear a comunicação discursiva e traçar o caminho do diálogo num movimento produtivo de relações dialógicas, relações de

“pergunta-resposta, afirmação-objeção, afirmação-concordância, proposta-aceitação, ordem-execução etc.” (BAKHTIN, 2016, p. 29).

Os falantes do “debate não mediado”, na construção do seu projeto enunciativo e em busca da comunicação de suas posições axiológicas, querem ser não apenas ouvidos, mas respondidos:

[...] toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual forma em que ela se dê) O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas dobre o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução etc. (os diferentes gêneros discursivos pressupõem diferentes diretrizes de objetivos, projetos de discurso dos falantes ou escreventes) O empenho em tornar inteligível a sua fala é apenas o momento abstrato do projeto concreto e pleno de discurso do falante. (BAKHTIN, 2016, p. 26)

Ao gênero compete estabelecer determinadas dinâmicas formais de expressão, condicioná-las tipicamente (assim como a gramática condiciona, em alguma medida, o uso da linguagem); e em outros momentos se impõe até mesmo sobre o silêncio e sua ocorrência. Num contexto político como o nosso, em que operam vontades discursivas diversas e vozes autoritárias (de autoridade reconhecida ou não), a vontade de silenciamento, a indisposição para o contraditório, o linchamento de individualidades e ideais procuram se impor nas múltiplas esferas comunicativas, em maior ou menor grau (BAKHTIN, 2015).

O gênero “debate não mediado” não admite silenciamentos. As pausas, elementos valiosos na interação verbal (pausas dramáticas, pausas reflexivas, inquisitivas), não se confundem com a vontade de calar. No debate, a manifestação dos falantes é pressuposta e essencial à tipicidade do gênero. O gênero discursivo, aí, impõe aos debatedores a aceitação de condição sem a qual inviabiliza-se completamente a iniciativa. Daí porque, em muitos casos, ainda que em ambientes de extrema polarização e tensão política (especialmente quando está em jogo a disputa por recursos escassos ou temas de repercussão geral), “debates não mediados” proporcionam um ambiente de melhor entendimento mútuo e densidade democrática. A vontade individual dos interlocutores, no debate, se dobra ao gênero. A esse respeito, explica Voese (2010, p. 274):

Assim, se manifestar-se é concomitantemente um direito e um dever, ouvir e não silenciar as outras vozes deve ser considerado o primeiro e necessário gesto que garante não só o direito de apropriar-se de referências socialmente válidas, mas também o direito de o indivíduo dizer-se dizendo, o que explica que o virtuoso que preocupa Garrido promove a inseparabilidade de um dizer e de um ouvir. A virtude da consideração é respeito que valoriza o discurso como uma mediação em que tanto se deve condenar o silêncio como o silenciamento que abafam e promovem o equívoco de uma trajetória.

A responsividade inerente ao “debate não mediado” (e não exclusivo deste gênero) garante que, ainda que certo enunciado tenha certo viés monológico, terá de eventualmente dedicar-se a seu oposto (no sentido posicional e, muitas vezes, ideológico), porque ignorá-lo completamente seria admitir, mesmo que indiretamente, a sua validade e força enquanto argumento e, em última instância, visão de mundo.

O conteúdo semântico objetual dos enunciados precisa, constantemente, entrar em colisão lógica, estressar-se mutuamente, enquanto os outros elementos fundamentais da comunicação discursiva operam (muitas vezes mais discretamente, mas sempre ativamente) nas entrelinhas do estilo, da expressividade responsiva e da construção composicional (calculada ou não). A exauribilidade relativa do conteúdo semântico objetual nos campos da vida relacionados à vida política (predominantemente criativos), seu acabamento mínimo, garantem a abertura discursiva em que os interlocutores se apoiam e elaboram avaliações axiológicas e apreciações volitivo-emocionais. Se a política se tratasse da anotação de fatos ou dados explícitos e simples da realidade natural, certamente não haveria espaço para qualquer debate produtivo (BAKHTIN, 2016).

Em sociedades personalistas como a nossa (HOLANDA, 1995) a expressividade também assume um papel bastante relevante na forma como o público geral assimila os discursos. A entonação emotivo-volitiva e a relativa transparência de sua comunicação (que nos gêneros próprios à esfera científica ou jornalística, por exemplo, é bastante limitada, editada e específica) adicionam um peso considerável na validação dos discursos pelo público. Muitos líderes carismáticos, conscientes deste traço ideológico, alcançam uma adesão expressiva, ainda que a despeito das regras de convivência gerais, de civilidade democrática. Estamos falando, em alguns casos, de comunicação violenta, que procura se impor como voz de autoridade, muitas vezes conseguindo consolidar-se como força política dotada de identidade e digna de disputar espaço, ideologicamente, no jogo democrático.

No “debate não mediado”, tais manifestações perdem boa parte de sua expressão, exatamente porque, como já apontamos, são forçadas a se conformar ao gênero, que lhes revoga as vantagens de ambientes mais convenientes (por exemplo, o anonimato das redes, a impossibilidade de réplica ou inquirição direta das formas discursivas não verbais e/ou não presenciais etc.).

Finalmente, é preciso apontar a tipicidade do gênero quanto ao endereçamento dos enunciados, em se tratando de uma forma pública (ainda que disseminada digitalmente) de debate. O direcionamento dos discursos produzidos e difundidos pela internet e as particularidades do público brasileiro fazem deste elemento essencial que constitui os enunciados

um fator chave para o entendimento de como se dá o debate de temas de interesse público hoje (MACHADO; MISKOLCI, 2019).

No campo da atividade política, o endereçamento geralmente é planejado e tem papel central no projeto discursivo dos interlocutores em um debate. Mais do que responder os enunciados de outro, um debatedor se preocupa com a recepção de suas afirmações, oposições, acordos etc. pelo público geral. Dependendo do tema que esteja em discussão, esse público pode ser especializado em muitos sentidos. Na contemporaneidade, falar para a “bolla” é um recurso que mobiliza energia política e capitaliza atenção. Os discursos são assimilados, reacentuados e, na trajetória de seus desdobramentos, podem viralizar e assumir uma potência imprevista (até mesmo indesejada). Por isso, entender as dinâmicas de endereçamento nas práticas discursivas em análise nos parece fundamental, como pistas para entender as diversas visões de mundo e com quem, preferencialmente, procuram dialogar (BAKHTIN, 2016).

Gênero discursivo e o enunciado concreto em questão

O enunciado concreto a ser analisado é uma interação argumentativa polêmica, no formato de debate, gravado em vídeo para publicação *online*, de estilo não mediado, organizado pelo canal *Spotniks*, entre interlocutores identificados como Alessandro Loiola, “cético sobre as vacinas da COVID”, e Luciana Leite, “diretora de vacinas do Instituto Butantan”, publicado na plataforma de compartilhamento de vídeos *online*, *Youtube* (SPOTNIKS, 2021). O vídeo foi publicado em junho de 2021, com o tema “Ele suspeita das vacinas da Covid-19. Ela é cientista do Butantan. Colocamos os dois pra conversar.”

Antes de iniciarmos a análise do conteúdo do debate, é preciso caracterizá-lo como gênero discursivo, tendo em vista a tipicidade do funcionamento de uma interação discursiva desta natureza e dos seus elementos constitutivos. O gênero escolhido é complexo, discursivamente elaborado no contexto da sociedade contemporânea, digital, multimidiática, interconectada e saturada de informações, interesses e conflitos de poder. Incorporando outros gêneros mais simples, o “debate não mediado” reelabora a ideia fundamental do diálogo real como instância privilegiada da interação discursiva, ao proporcionar um ambiente de franco “choque de ideais e valores”, através da exposição verbal intercalada, sem interrupções por parte dos mediadores (que apenas zelam, supõe-se, pelo cumprimento das regras básicas previamente estabelecidas, e não participam ativamente da interação discursiva), contando ainda com um preâmbulo semiestruturado que, em muitos pontos, lembra o gênero entrevista e se presta como apresentação dos interlocutores para o público e entre si.

Em seguida, o debate assume a forma de um debate tradicional, com afirmações, réplicas, interpelações livres etc. Importante marca do gênero em questão é o fato do debate ser registrado em vídeo com o objetivo de ser publicizado posteriormente na internet, fato este conhecido e anuído previamente pelos interlocutores e que tem profundas consequências no seu funcionamento geral, no estilo e na expressividade adotada pelos interlocutores, própria do gênero. Vê-se maior respeito e tolerância aos turnos de fala e comedimento nas expressões de recepção ao conteúdo semântico objetual do discurso alheio, o que expressa uma preocupação derivada do endereçamento dos vídeos, que são destinados ao público geral, à vista de quem, é sabido, importa comportar-se com relativa cordialidade diante de um debate de ideias, especialmente divulgado com a pretensão explícita de proporcionar o contato produtivo entre posições axiológicas opostas.

Por conta das limitações específicas do gênero artigo científico, selecionamos um trecho do vídeo considerado adequado para fins de análise dentro da primeira temática discutida no debate, a saber, “justificativa para uso de máscaras”, que permite observar a dinâmica da interação verbal em sua expressão mais clara e direta, com reprodução integral dos enunciados dos interlocutores e anotação de outras expressões pontuais observadas entre parênteses. Didaticamente, dispomos todas as falas e expressões em tabela, com identificação de autoria (adotando uma simplificação da identificação em “A” para Alessandro Loiola e “L” para Luciana Leite), minutagem relativa ao trecho transcrito e transcrição literal do conteúdo dos enunciados, numa coluna; e comentários analíticos apresentados paralelamente, na coluna à direita. Ao final da análise da interação discursiva, são feitas considerações finais pertinentes à análise proposta.

O debate “Ele suspeita das vacinas da Covid-19. Ela é cientista do Butantan. Colocamos os dois pra conversar” em análise

Interlocutor/Enunciado

11'36" A: Por que que você acha que a máscara ajuda?

Comentários analíticos

A escolha lexical do termo “achar”, na composição da oração, enuncia a intenção do interlocutor de, desde o início do desenvolvimento de seu projeto discursivo, acentuar a validade de sua posição de contestação ante à posição defendida pela interlocutora, igualando-os, como se ela adotasse um discurso baseado na opinião pessoal, o que em grande medida reacentua o discurso do outro, procurando desvinculá-lo do consenso científico majoritário que o fundamenta.

11'37” L: (expressão corporal de preparação para a resposta)

11'38” A: Fundamentada em quais evidências...

O debatedor reivindica, pelo estilo que adota, inquisitivo, uma aproximação do tipo de comunicação discursiva própria da esfera científica, ainda que não reconheça a autoridade da orientação majoritária da comunidade científica mundial, como se verá. O uso do léxico “evidências”, próprio da mencionada esfera, reforça sua opção.

11'39” L: Então, tem uns estudos de transmissão que avaliam gotículas, partículas etc. E eu acho que até recentemente ou até a algum tempo atrás se achava que eram mais as gotículas, então, é espirrar, é coisa que... são, na verdade, partículas um pouco maiores. A partir de um certo momento, se descobriu, se constatou, que na transmissão do COVID, você tem partículas menores, que formam os aerossóis e que elas... assim, não precisa você estar doente, tossindo. Então, elas se formam quando você fala, quando você respira, e que isso é um dos mecanismos mais importantes de transmissão. E com isso, uma pessoa usando máscara já reduz bem, as duas pessoas reduz mais ainda... eu já vi estudo, já vi apresentação em congresso, que realmente tem esses estudos muito mais detalhados e parece que essa é a conclusão que eu tenho visto.

A interlocutora, adotando uma construção composicional tipicamente vinculada ao discurso científico, ao posicionar-se axiologicamente, apresenta resposta direta ao conteúdo semântico-objetual da primeira parte da pergunta formulada (sobre a justificativa da importância do uso de máscara), ocupando-se, muito didaticamente, de esclarecer passo a passo e com uma linguagem acessível ao público geral, o ponto apresentado. Este enunciado evidencia um projeto discursivo diferente de seu interlocutor, na medida em que parece endereçar-se a ele, sim, mas pretendendo alcançar prioritariamente o público geral. Esse traço estilístico guarda muita pertinência com o gênero, já que se trata de um material com fins de divulgação *online* e até mesmo educativo. No ponto da fundamentação requerida, a vagueza da resposta, ao mencionar fontes indeterminadas, demonstra acentuação valorativa que dedica menor importância à questão.

13'00” A: Luciana, quinhentos a seiscentos e cinquenta mil pessoas morriam todo o ano de Influenza, que é um vírus, causa doença respiratória. A gente nunca mandou ninguém usar máscara, isso tem mais de 10 anos que vem acontecendo. Por quê? Será que seiscentos e cinquenta mil pessoas morrendo de Influenza por ano não tem importância? Essa importância é só se elas morrerem de COVID? Todo ano, no mundo inteiro, um milhão, cento e cinquenta mil, um milhão e seiscentas mil morrem de tuberculose, micobactéria, transmissível por aerossol e perdigoto... isso já vem desde 1997, noventa e sete (ênfase), mais de um milhão de

Em sua réplica, a assimilação e reacentuação do discurso extraído do gênero *notícia* (que enumera mortes por Influenza) ao projeto discursivo do interlocutor, além do tom adotado, inquisitivo, expressando frustração (que acompanha a indicação de suposta contradição entre o conteúdo semântico-objetual da resposta obtida e as novas informações apresentadas) demarca a posição axiológica adotada, que é a de contestação do mérito da resposta à questão suscitada em sua origem. Interessante observar que a expressividade adotada na enumeração de crises sanitárias adota tom emotivo-volitivo diverso daquele que se supõe pertinente ao contexto original, já que o gênero *notícia*, nesse tema, traz consigo um ambiente de alerta e preocupação, tendo sido reacentuado para promover uma

13'45" L: Bom, eu posso responder isso um pouco mais, porque eu trabalho na área de desenvolvimento de vacinas melhoradas para tuberculose. E os estudos mostram que a tuberculose, você segura muito com uma estratégia que é: diagnóstico, trata e cuida dos familiares. Então, a forma de transmissão da tuberculose é diferente e é principalmente dentro de casa, nos contatos maiores. Então, teria que ser proposto usar a máscara dentro de casa, com seus familiares principalmente, o que é uma coisa, assim, mais difícil. Mas nós já temos países que usam praticamente o tempo todo, que é a Coreia. E eles tiveram uma incidência...

13'45" L: Bom, eu posso responder isso um pouco mais, porque eu trabalho na área de desenvolvimento de vacinas melhoradas para tuberculose. E os estudos mostram que a tuberculose, você segura muito com uma estratégia que é: diagnóstico, trata e cuida dos familiares. Então, a forma de transmissão da tuberculose é diferente e é principalmente dentro de casa, nos contatos maiores. Então, teria que ser proposto usar a máscara dentro de casa, com seus familiares principalmente, o que é uma coisa, assim, mais difícil. Mas nós já temos países que usam praticamente o tempo todo, que é a Coreia. E eles tiveram uma incidência...

14'47" A: Do sul.

14'48" L: Coreia do Sul, isso. E eles tiveram uma incidência muito baixa. Eu não sei se foi... três, cinco, dez, é um número...

14'57" A: Baixinho.

“normalização”, dessensibilização diante do número de mortes. A oração “Será que, coitados, os meninos...”, em tom irônico e dramático, colabora com o mesmo objetivo discursivo: evidenciar a suposta falsidade do conteúdo e/ou das motivações da resposta da interlocutora, mantendo-se o tom inquisitivo, típico do gênero “arguição”, onde a figura da “autoridade que pergunta” é evidenciada.

O estilo adotado pela interlocutora, permanentemente reforçando sua posição axiológica de “voz do consenso científico” no debate, assume ainda mais o tom próprio da esfera científica de comunicação e as escolhas composicionais de sua área de atuação, numa posição paradigmática. Procura enunciar a autoridade desta voz na reprodução quase literal dos discursos científicos na área de saúde pública. Não se movimenta na direção do componente emotivo-volitivo presente nas inquisições do seu interlocutor. Parece manter o debate em uma zona confortável e segura de atuação, condicionada pela prática contínua de interações comunicativas de seu segmento. De certa forma, evita adotar tons claramente emotivos e depreciativos (que caracterizam a comunicação violenta e o ambiente do debate nas redes sociais)

A réplica, ainda que sucinta, adota um padrão (que se repetirá outras vezes), que é demonstrar segurança e domínio do conteúdo semântico objetual enunciado pela interlocutora. Essa estratégia argumentativa procura reafirmar segurança e controle dos rumos do debate. Um claro posicionamento axiológico e volitivo, revelador do projeto enunciativo do debatedor.

A debatedora, mais uma vez, alterna entre o estilo formal do discurso científico, especializado, e a expressividade típica e “franca” dos diálogos cotidianos. Claro endereçamento dialógico multidirecional. O outro, no debate, é o interlocutor presente. Mas também é o público a que o vídeo é endereçado. E este público geral requer linguagem acessível e ilustrativa, exemplificativa.

Mais uma vez, uma confirmação com entonação factualmente afirmativa, mas negativa no sentido da “novidade” ou da “relevância prática” nas informações ouvidas. Interrupções desta natureza, ainda que sucintas e não necessariamente relevantes, também contém traços de

- 14'58" L: Absurdo. E...
- 14'59 A: Taiwan, zero ponto quatro.
- 15'02 L: E a forma de transmissão da tuberculose é uma coisa que você tá ali convivendo todo dia: um pegou, todo mundo pega. E é muito próximo. Onde tem incidência maior de tuberculose é na África, que você tem populações todas muito próximas... são lugares de muita aglomeração. Então, não...
- 15'27" A: Você considera o SARSCOV2 mais ou menos transmissível que a micobactéria? Ele é mais fácil ou mais difícil de ser transmitido?
- 15'35" Eu acho que eles são diferentes. A forma de transmissão é diferente, embora a micobactéria também é gotícula.
- 15'45" A: (fala simultaneamente) Mas em epidemiologia a gente faz o cálculo...
- 15'47" L: Mas ele é maior.
- endereço. Interessa demonstrar, especialmente ao público geral, propriedade no campo do discurso científico e domínio do tema.
- A escolha lexical “absurdo”, em detrimento de outros adotados até então (e diante de tantos qualificadores possíveis, mais afeitos aos gêneros formais, como “relevante”, “expressivo” etc.) revelam uma intensa valorização emotivo volitiva. Muitas vezes, o “debate não mediado” proporciona momentos de “franqueza” em que o projeto discursivo se amplia na interação entre intensidades discursivas.
- As informações são enunciadas sem qualquer sinal de confirmação da tese defendida pela interlocutora. As confirmações de segmentos do discurso alheio (de natureza especialmente factual) não parecem indicar a adesão à tese principal em questão. Procuram apenas reforçar o controle e a segurança na temática. Há uma disputa implícita pelo domínio do discurso científico paradigmático. Os dois debatedores demonstram familiaridade na representação da expressão típica dos gêneros desta esfera.
- Há uma interpolação de discursos neste enunciado. “Um pegou, todo mundo pega” é uma escolha que poderia muito bem estar sendo usada para caracterizar a pandemia do COVID. Intencionalmente ou não, a aproximação das realidades discursivas provoca um efeito ilustrativo importante.
- Há um movimento de retomada da tese central, do primeiro movimento argumentativo enunciado, em modalidade inquisitiva (mais uma vez), na comparação de cenários cujas providências, em tese, são diversas, sem explicação.
- Inicialmente, a interlocutora responde de forma pouco comprometida, talvez por insegurança objetiva diante do conteúdo da pergunta apresentada.
- A construção composicional personaliza o discurso científico em si, “a gente faz o cálculo” e, do ponto de vista da tonalidade emotivo volitiva, insiste e pressiona por uma resposta objetiva.
- A resposta direta é apresentada.

15'49" A: Em infectologia, microbiologia, a gente faz o cálculo, a taxa de infecção média [...].

Mais uma vez, a personalização das áreas de conhecimento implicadas no debate entrega o posicionamento ideológico do interlocutor, que procura ocupar o lugar da voz de autoridade no tema.

16'00" É que a tuberculose, em geral, é no grupo familiar. Então, por isso que se faz aquela terapia "DOTS", que você deve ter ouvido falar, que você identifica um caso, você trata a pessoa e todo mundo da família que tem o contato muito próximo. O COVID, ele é mais fácil de transmitir, num certo sentido. E ele tem uma coisa que a tuberculose eu acho que tem menos: muitos casos assintomáticos, embora a tuberculose também tenha. Você tem a fase latente, mas ela não espalha durante a fase latente, né? Ela precisa estar realmente com a doença ativa...

O enunciado adota tom conciliatório. Procura validar a posição do interlocutor como destinatário especializado: "você deve ter ouvido falar". As concessões, em ambientes de debates, tendem a produzir certa reciprocidade (inclusive num grau semelhante), o que ocorre em oportunidade futura do debate. Também indicam a validação emotiva da vontade discursiva essencial de qualquer falante, ser ouvido, entendido e respeitado como participante legítimo do evento discursivo. É apresentado o argumento mais relevante na depuração da pergunta que tematiza esta seção do debate: a transmissão assintomática.

16'45" A: Bacilífero.

16'46" L: ...pra espalhar. Uma das grandes "vantagens" de sobrevivência do SARSCOV é que você tem mais da metade da população que nem sabe que tá infectada. Então, não protege os conhecidos, porque não sabe. Esse eu acho que é um dos grandes problemas dos SARSCOV e que faz um pouco de confusão... as pessoas custam pra achar que é sério porque justamente... a tal história da gripezinha. Na verdade, muitos cientistas achavam, bem no começo, que era mesmo. Porque você tem 80% que vai ter só uma gripezinha.

Durante a interação verbal, é muito comum que a contínua exposição dos interlocutores às réplicas, contestações, insistências, valorações e reacentuações produza uma reorganização do projeto discursivo dos participantes. A produtividade do "debate não mediado" está em proporcionar, no "estressamento" das posições axiológicas, aclaramento das teses defendidas. A resposta definitiva à pergunta formulada parece se estabilizar neste momento. As expressões antes da fala antecipam a validade de determinados argumentos. Mais uma vez, vale notar a presença da interpolação, cronotopia (mobilização de discurso em relação ao tempo), reacentuada, de discursos amplamente difundidos na realidade comunicativa dos interlocutores: "A tal história da gripezinha" aparece como enunciação reacentuada, revalorada, adotando tom emotivo empático e concessivo, diante das limitações de entendimento de quadro complexo e reforçando a posição adotada da defesa do uso de máscaras.

17'30" A: E olhe lá.

17'31" L: Mas o problema é que, enquanto você não tá ativo, você pode transmitir pra muita gente.

A reafirmação do ponto essencial reforça a eficiência do argumento.

17'38" A: Nisso eu concordo. Tem uma filosofia de quadro sintomático... não transmite... eu acho isso umas das coisas mais imbecis do mundo. O assintomático de sífilis não transmite. O assintomático de HVI não transmite. É sério. Qualquer livro de microbiologia...	Ocorre, então, a primeira concordância direta, entre os debatedores. O interlocutor parece ter reavaliado, ao menos em parte, seu posicionamento axiológico, visualizando uma relação entre elementos que estava fora de seu campo aperceptivo. A expressividade adotava evidência a razoabilidade fatalística do argumento avaliado: “uma das coisas mais imbecis do mundo”.
17'50" L: Eu acho que tá se falando, mas é difícil pro cidadão comum visualizar e entender isso... eu não tô doente...	A atitude concessiva da interlocutora, coerente com seu projeto discursivo (axiologicamente científico, pedagógico, conciliatório), também é endereçado ao público geral, agora explicitamente: “é difícil pro cidadão comum visualizar e entender isso”. O não dito, aqui, também revela o estilo conciliatório. “Difícil de entender”, enunciado. “Mas necessário, como demonstrado”, implícito.
18'02" A: (fala simultânea) Qualquer um que já foi médico...	O interlocutor passa a elaborar cenários que reafirmam a importância do argumento debatido.
18'03" L: Como que eu posso passar pra outra pessoa?...	Falas simultâneas, quase em espelhamento, neste caso simulam concordância, pareamento, unicidade direcional, emocional e axiologicamente.
18'06" A: (fala simultânea) Qualquer um que já foi médico de posto de saúde, já trabalhou num posto de saúde, você, se por acaso teve oportunidade de acompanhar a epidemia de catapora numa creche...	Interlocutor confirma a tese e apresenta alternativas reais de reafirmação.
18'15" L: (fala simultânea) Eu já... bom, já vi...	Confirmações simultâneas.
18'16" A: (interrupção) Você nunca sabe de onde veio. A primeira criança que aparece com catapora, provavelmente, já estava transmitindo o varicela vírus ali pra todo mundo há muito tempo. Se bobear, ela pegou de alguém de lá. Então, você identificar o paciente fonte é extremamente complicado.	Finalização temática com recepção, ainda que parcial, da visão de mundo adotada pela contraparte. A omissão da conclusão definitiva da “necessidade de uso de máscaras” releva, a despeito da produtividade do debate, possíveis ressalvas não enunciadas.

A produtividade do gênero “debate não mediado” diante da polêmica e seus efeitos no ambiente de polarização geral

Não raro, vê-se um esforço incomum, por parte dos debatedores, para serem mais claros, mais precisos na enunciação de seus pontos de vista, ainda que muitas vezes estejam discutindo temas cuja natureza técnica complexa exijam respostas longas, com argumentação a partir de premissas bem balizadas, muitas vezes recorrendo a figuras de outros discursos (por exemplo, o discurso cotidiano, da observação de fenômenos corriqueiros e banais como

“uma gripezinha” ou “catapora”), que serão reacentuados e reavaliados para servirem a outros projetos discursivos.

É evidente que, em situações de limitação exacerbada de tempo (como se vê em debates estruturados), esta dinâmica é praticamente impossível. O resultado é patente: interações discursivas superficiais que se desdobram em generalizações, estigmatizações e ainda mais polarização. O movimento de aproximação discursiva que o “debate não mediado” proporciona nos parece uma eficiente forma de evitar esses problemas.

Sem dúvida, debater produtivamente requer um esforço comunicativo que pressupõe uma certa disposição emocional, um quadro volitivo-emocional propício à propositividade, ainda que em argumentação polêmica. Não é difícil imaginar, portanto, que o ambiente emocional externo contamine, em grande medida, as interações discursivas. No debate aberto das redes, esse ambiente está inundado de cenas, discursos e posicionamentos violentos. A violência e a percepção subjetiva da violência, portanto, são elementos críticos de contaminação emocional e inviabilização de interações discursivas mais profundas e produtivas.

As inúmeras concessões argumentativas, suavizações e toda a expressividade emotivo-volitiva presentes no debate confirmam a anuência dos interlocutores aos elementos fundantes do gênero. O entendimento entre interlocutores, presencialmente, olho no olho, parece funcionar como um atenuante às possíveis discordâncias ou repercussões emocionais negativas delas.

O “debate não mediado” parece ser eficiente, portanto, ao emular um ambiente emocional mais favorável (ainda que não completamente isento de momentos de tensão). É possível supor, pela expressividade volitivo-emocional dos debatedores, que tacitamente tenha sido adotada uma “trégua” ao cenário conflituoso geral, que abre espaço para o encontro de ideias. Seria interessante, inclusive, observar até que ponto esta reacentuação emocional atua, especialmente em cenários outros, em que esta contaminação emocional se dê de forma mais direta. Sabe-se bem que as redes sociais, umas mais que outras, inclusive, são arenas bastante carregadas de uma tensão latente, preexistente a qualquer tema que venha a ser discutido ali.

A clareza demandada também produz efeitos muito positivos no resultado final, porque, ainda que não ocorram concessões completas, consenso real, sobra pouco espaço para suposições a respeito da visão de mundo dos debatedores ou seu posicionamento axiológico diante de dado problema. Muitos argumentos, inclusive, definitivos para esclarecer dada posição ou para refutar certa linha de argumentação, são elaborados no decorrer do debate. Se trata, como se vê, de uma permanente reelaboração discursiva que visa à compreensão e à persuasão do interlocutor e do auditório.

O auditório virtual, conforme já comentado, demanda tal didaticidade que até mesmo temas de grande complexidade técnica serão forçados a se desdobrar em etapas compreensivas, em escolhas lexicais que funcionem como pontes (entre esferas e discursos) e toda uma expressividade comunicativa recrutada para fazer-se entender, ainda que versando sobre “quadro sintomático”, “microbactéria” e “partículas”. É possível dizer que o alcance comunicativo visto no gênero, relativamente maior, é responsável por uma maior abertura discursiva, em que os polos passam a se entender com mais eficiência. E este entendimento, no debate público, é essencial para desarmar ações coordenadas e/ou mal-intencionadas de desinformação virtual. As *fake news*, diante de um público relativamente mais bem informado a respeito das principais questões em debate, tendem a encontrar maior resistência.

Considerações finais

A obra do círculo de Bakhtin apresenta potencial virtualmente inesgotável para analisar a conjuntura da formação, conformação e transformação de discursos, valores e estruturas de poder da sociedade brasileira contemporânea.

O “debate não mediado” de divulgação *online*, como gênero discursivo, impõe coerções fundamentais ao projeto discursivo individual dos debatedores: primeiro, ao contaminá-los axiologicamente com os valores implícitos da dialogicidade, didaticidade, produtividade e publicidade. Assim, ainda que o quadro amplo (nacional) seja de intensa polarização política, marcado pela violência e desinformação, o cenário específico do debate analisado manifesta relativa autonomia funcional. Mesmo se tratando de argumentação polêmica e não havendo consenso definitivo claramente consolidado, pode-se perceber considerável produtividade.

É preciso investigar outras questões problemáticas: a seleção arbitrária dos debatedores pelos organizadores pode, sem dúvida, trazer vieses interacionais imprevisíveis e difíceis de avaliar. A extensão do modelo de debate a experiências mais amplas de interação discursiva poderia servir para consolidar uma visão mais madura do assunto.

Sem dúvida, posteriores estudos baseados na Análise Dialógica de Discurso podem, ainda, pertinentemente, avaliar outros tipos de interação argumentativa polêmica, em ambientes polarizados, agora nos espaços de debate institucional de elaboração de legislações, políticas públicas e demais produções técnico-políticas, que mantenham as principais marcas do gênero “debate não mediado”, com o potencial, inclusive, para indicar tendências de formação de estilos de argumentação no atravessamento dos discursos de influenciador e base (como se sabe, boa parte dos representantes constituídos são vetores de influência comportamental perante seus seguidores).

Resta ainda mencionar a prolificidade da análise comparada do comportamento discursivo dos sujeitos interlocutores em debates orais não mediados, para divulgação *online*, e sua atuação em outros veículos e mídias, como as redes sociais, quando certamente apresentarão outras marcas estilísticas que, como já dissemos, respondem às coerções dos respectivos gêneros discursivos a que se propõem. A multiplicidade de olhares e contextos, certamente, pode contribuir para a elucidação da problemática e na busca do equacionamento da polarização política que experimentamos no momento.

THE “UNMEDIATED DEBATE” GENRE AND POLITICAL POLARIZATION: A BAKHTINIAN ANALYSIS

ABSTRACT: This paper seeks to analyze the argumentative interactions of two debaters in a debate recorded on video and published on YouTube by the Spotniks channel, entitled “He suspects Covid-19 vaccines. She is a scientist from Butantan. We put the two of them to talk”, evidencing the functioning of the discursive genre “unmediated debate” (BAKHTIN, 2016) and its implications for the argumentative dynamics in a controversial context, under the prism of Dialogic Discourse Analysis (BAKHTIN, 2015; VOESE, 2021; VOLOCHINOV, 2017) and contemporary sociology and political science (BAUMAN, 2003; DEMO, 2008). The relevance of this work is justified by the emergence of successive crises in the Brazilian democratic environment, contaminated both in the dimension of institutional policy and of public debate, mainly due to the intensification of the processes of generalized disinformation (fake news) and political polarization, especially in virtual environments (MACHADO; MISKOLCI, 2019). Regarding the methodology, we opted for the transcription and subsequent analysis of an excerpt from the debate in two dimensions: in the textuality of the discursive utterances, commented point by point, and in the macrostructural dimension of the discursive interaction, contextualized to the problematic contours that characterize the national public debate. The analysis points out the strength of the “unmediated debate” genre and the productivity of the argumentative interaction analyzed, when circumscribed by the striking features of the genre in question.

KEYWORDS: Debate; Democracy; Discourse genre; Polarization.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. “Uma guerra civil” na França: a polêmica pública após os atentados de 2015. Tradução de Angela Correa. In: PIRIS, E.; AZEVEDO, I. (org.). *Discurso e Argumentação: fotografias interdisciplinares*. Coimbra: Grácio, 2018. p. 17-40. Disponível em: <https://kutt.it/3Ibtop>.
- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015. 256p.
- _____. *Os gêneros do discurso*. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. 164p.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BOBBIO, Norberto. *O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988*. Vade Mecum. Saraiva. 5ª ed. Atualizada e ampliada. São Paulo, 2008.
- DEMO, Pedro. *Pobreza Política*. São Paulo: Editores Associados, 2008.

FERRARO, Alceu Ravello. Analfabetismo e níveis de Letramento no Brasil: o que dizem os censos? *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, p. 21- 47, dez. 2002.

HOLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. 26ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MACHADO, Jorge Alberto Silva; MISKOLCI, Richard. Das jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 945-970, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2238-38752019v9310>> DOI: 10.1590/2238-38752019v9310.

SPOTNIKS. *Ele suspeita das vacinas da Covid-19. Ela é cientista do Butantan. Colocamos os dois pra conversar*. Youtube, 24 de junho de 2021. Disponível em: https://youtu.be/L24UIaHb_8A

VOESE, Ingo. O discurso como martelo e superfície ou como (não) silenciar inquietações. *Linguagem em (Dis)curso*, [S.l.], v. 7, n. 2, p. p. 271-292, out. 2010. ISSN 1982-4017. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/365>. Acesso em: 24 jul. 2021.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017, 373p.

Recebido em: 08/03/2022.

Aprovado em: 19/07/2022.